

Feminilidade e Preconceito de Gênero no Futsal: Uma perspectiva de atletas brasileiras

Rafaela Mascarin, Flavia Oliveira, Renato Marques¹

Submetido em 30/1/2017

Aceite em 22/2/2017

Resumo: A participação feminina no esporte é, historicamente, permeada por manifestações de discriminação e preconceito. O futsal, assim como o futebol, caracteriza-se como um espaço de reserva masculina no Brasil. O objetivo deste estudo foi investigar as percepções de jogadoras de alto rendimento de futsal sobre a participação feminina nesta modalidade esportiva. Foram realizadas entrevistas com 13 jogadoras de uma equipe do interior do Estado de São Paulo, Brasil, e os dados produzidos e analisados através do método Teoria Fundamentada. O estudo aponta que ainda há preconceito com a mulher que joga futsal, tanto da família e da escola, como do público feminino. O patrocínio destacou-se como importante modo de diferenciação, além da luta contra um estereótipo masculinizante diretamente ligada à busca por uma imagem positiva da equipe. Mesmo que esses valores estejam em processo de mudança, barreiras sociais ainda precisam ser derrubadas para que haja maior legitimação do esporte feminino.

Palavras-chave: Futsal; Feminilidade; Gênero; Preconceito; Sociologia do esporte.

Abstract: Women participation in sport is, historically, pervaded by discrimination and prejudice. Futsal, like football, is a men reservation space in Brazil. The aim of this study is to investigate the perceptions of elite level women futsal players on female participation on this sport. Semi-structured interviews were conducted with 13 Brazilian, adult, women futsal players, members of a team based in São Paulo state, Brazil. Data were produced and analyzed by Grounded Theory method. Results point that there are prejudices about women futsal players, from the side of family, school and women spectators. Sponsorship is an important form of differentiation, besides the struggle against a male stereotype linked to a better team image. As these values are changing, social barriers still need to be broken to permit a wider legitimation of women sport.

Keywords: Futsal; Femininity; Gender; Prejudice; Sociology of sport.

1- Rafaela Bevilacqua Mascarin - Bacharel em Educação Física e Esporte pela Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP-USP). Mestranda em Reabilitação e Desempenho Funcional pelo Programa de Reabilitação e Desempenho Funcional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP - USP), desenvolve pesquisas no Laboratório de Atividades Aquáticas da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP - USP).
2- Flavia Volta Cortes de Oliveira - Possui graduação em Psicologia, Licenciatura e Formação de Psicólogo pela UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005) Campus de Bauru; Graduação em Bacharelado em Educação Física e Esportes pela USP - Universidade de São Paulo, Campus Ribeirão Preto. É mestre em Educação pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP -USP e atua como Psicóloga no Hospital da Clínicas - HC-FMRP-USP.
3- Renato Francisco Rodrigues Marques - Professor Doutor da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo - EEFERP-USP (desde 2011). Realizou estágio de pós doutorado no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná - UFPR (2017). Mestre (2007) e Doutor (2010) em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

Introdução

O futsal é uma modalidade esportiva derivada e culturalmente herdeira do futebol. Surgiu de adaptações nas regras que criaram o futebol de salão, na América do Sul, nas décadas de 1930 e 1940, e posteriormente, da intervenção e gestão da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) a partir de 1989 (Santana, 2008).

O futsal, assim como o futebol de salão e o futebol, caracteriza-se como um espaço de reserva masculina, historicamente constituída, com a participação feminina ainda em processo de fortalecimento, sendo muito recente e sofrendo com barreiras socioculturais. Como exemplo, tem-se que a prática do futebol de salão feminino foi autorizada pela Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) somente em 1983 (Santana & Reis, 2003). Apesar disto, a figura da mulher no futebol² ainda é tímida, seja por fatores relacionados à ideia de um esporte de reserva masculina, seja pela falta de incentivo e patrocínio das equipes profissionais (Goellner, 2005).

A participação feminina no esporte em geral é, desde sua gênese, permeada por questões de gênero. A representação naturalizada de que homens e mulheres se apresentam masculinos ou femininos devido às características corporais que os diferem, sustentou relações de desigualdade e permitiu que papéis sociais distintos fossem atribuídos a ambos (Goellner, 2007). Segundo Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais e históricas fundadas sobre diferenças esperadas entre os dois sexos, mas que não são consequência direta nem da biologia, nem da fisiologia. Tais diferenças buscam explicar as persistentes desigualdades entre mulheres e homens e os papéis sociais atribuídos a elas.

Com base no número de participantes em Jogos Olímpicos, Coakley (2008) aponta um aumento da participação feminina no esporte. Apesar disso, o esporte ainda se constitui em um universo masculino por excelência (Goellner, 2007). Há uma menor legitimação dos feitos das mulheres em relação aos homens (Marivoet, 2002). No futebol, esta questão está bastante presente, uma vez que para praticá-lo, as mulheres precisam enfrentar barreiras sociais que atribuem à jogadora um

2 O futsal é uma modalidade específica e autônoma, diferente do futebol, porém com origem histórica no futebol de salão e, conseqüentemente, no futebol de campo. Tanto as entrevistadas quanto a literatura, embutem o mesmo valor simbólico ao futsal e ao futebol. Em alguns momentos do texto existe uma proximidade semântica do modo de abordagem e interpretações sobre fenômenos sociais próprios dessas modalidades. Ao falarem sobre uma, a associam a outra. Além disso, apurou-se que muitas vezes a formação esportiva se dá de modo conjunto entre ambas até o momento de escolha por uma das modalidades. Deste modo, em alguns trechos da discussão, o futebol será mencionado, porém não deve ser confundido com o futsal.

processo de masculinização. Jogar futebol ou futsal significa driblar o estereótipo homossexual, buscando construir novas possibilidades de ser mulher na sociedade contemporânea, incluindo esta prática como experiência de vida possível e legítima (Altmann & Reis, 2013).

Abordar a sexualidade parece ser algo importante quando se analisa uma equipe feminina de futsal, e a forma de dar visibilidade às sexualidades é um ponto de destaque, pois as jogadoras parecem se preocupar com a posição ocupada pelo grupo em relação às demais praticantes de futsal feminino e à sociedade. Esta preocupação se dá em muito pelo preconceito, pois há um movimento da sociedade em relacionar a homossexualidade com condutas e aparências específicas, que são reducionistas e contribuem para a visão preconceituosa de mulheres que praticam futsal (Silveira & Stigger, 2013).

Devido à discriminação social oriunda de estereótipos de gêneros presentes no campo esportivo até os dias atuais e a escassez de estudos qualitativos que abordem o futsal feminino (Moore et al., 2014), a problemática central deste trabalho baseia-se em descrever a percepção de jogadoras de futsal de equipe do interior do Estado de São Paulo, Brasil, acerca da prática do futsal, e conhecer o modo como as atletas desta equipe de alto rendimento enfrentaram as discriminações sofridas desde a iniciação na modalidade.

O objetivo do presente trabalho é investigar o processo de atuação de mulheres no campo social do futsal, de modo a descrever suas percepções acerca da participação feminina em um espaço esportivo de reserva masculina.

Este estudo permite contextualizar a mulher nesse espaço, além de promover reflexões sobre transformações sociais referentes a diferenças de gênero no esporte, incluindo o futsal como uma experiência de vida possível e legítima também ao universo feminino. Neste sentido, entrecruzam-se diferentes saberes das Ciências Sociais, numa problemática em que o corpo naturalizado à luz de convenções sociais tradicionais se apresenta como eixo central na pesquisa.

1 Método

Este artigo é parte de um amplo projeto de pesquisa sobre processos de inserção e carreira esportiva de jogadoras brasileiras de futsal. Este trabalho enquadra-se numa abordagem qualitativa de pesquisa e como opção metodológica foi adotada a Teoria Fundamentada (*Grounded Theory* - termo original em inglês) (Strauss &

Corbin, 2008; Charmaz, 2009). Este método fundamenta-se na construção de uma teoria baseada nos dados produzidos e não em hipóteses anteriores analisáveis. Neste procedimento, é imprescindível que a produção e a análise ocorram paralelamente. No caso deste trabalho, os dados são oriundos de entrevistas semiestruturadas com perguntas previamente elaboradas pelo pesquisador e testadas em uma entrevista piloto para que fosse aperfeiçoado e em seguida aplicado aos participantes do estudo, no caso jogadoras adultas de futsal de uma equipe do interior do Estado de São Paulo, Brasil.

Na Teoria Fundamentada não é possível pré-estabelecer o número de participantes da pesquisa e a finalização da produção de dados ocorre de acordo com a regra da saturação teórica (Charmaz, 2009). Neste trabalho, foram entrevistadas, no ano de 2014, 13 jogadoras de futsal de uma equipe do interior do Estado de São Paulo, da categoria adulta, com resultados de campeã e vice-campeã paulista entre os anos de 2011 e 2014.

O contato inicial foi feito com a comissão técnica da equipe e os responsáveis pela mesma indicaram a data e o local adequados para a realização das entrevistas, que ocorreram de forma individual e no próprio local de treino no dia combinado. Para a seleção das participantes, foram seguidos alguns critérios como: – ter idade maior a 18 anos e ter participado em pelo menos uma partida do campeonato paulista adulto feminino de futsal.

Para preservar a identidade das jogadoras, elas são identificadas neste trabalho, de forma aleatória, como P1 (participante 1), P2, P3, sequencialmente até P13³.

2 Implicações sobre gênero na prática do futsal feminino

Através da análise dos discursos foi possível destacar o seguinte eixo central: “Implicações sobre gênero na prática do futsal feminino”, bem como os seguintes temas: discriminação/ preconceito; percepção da participação feminina no futsal; manifestação da feminilidade.

2.1 Discriminação e preconceito

Doze entrevistadas relataram ter sofrido preconceito quando iniciaram no futsal, principalmente por colegas de escola, independente do gênero. Uma participante afirmou ter sofrido discriminação por parte de sua professora de educação física

³ O presente trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa vinculado à universidade da qual os autores fazem parte. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

escolar, enquanto outra também vivenciou na rua, onde jogava quando criança. Estas atletas não relataram sofrer preconceitos na época das entrevistas. Uma única entrevistada relatou não ter sofrido qualquer tipo de preconceito quando iniciou na prática esportiva na juventude, mas apenas na idade adulta.

Acho que hoje em dia não tem mais tanto [preconceito] assim. Acho que as pessoas até gostam [do futsal feminino], porque é diferente. Na faculdade tem gente que comenta, porque a gente sai no jornal aqui, dá entrevista na TV, rádio, enfim. E aí eles dizem “Te vi no jornal, bacana, parabéns”. Mas antigamente teve, com uma professora da escola. Ela falou “Não, tu não vai jogar porque isso é coisa de menino!” (P1).

Quando eu estava na sexta série, entrei numa escola em que eu ganhei bolsa de estudos. Eu sofri preconceito, as meninas achavam feio, porque eu era a única que jogava, e eu era excluída da turma, as meninas ficavam me julgando, não conversavam comigo (P6).

Esses dados corroboram o estudo de Altmann e Reis (2013), com jogadoras de futsal de seleções adultas sul-americanas, que constataram que algumas atletas enfrentaram preconceitos apenas no início de suas carreiras, não vivenciando isto no alto rendimento.

Um dado relevante que deve ser destacado é o fato de que o preconceito enfrentado pelas atletas ocorreu principalmente no ambiente escolar. Com isso, embora a escola seja um ambiente onde algumas meninas iniciam no futsal, para Santana e Reis (2003) ela omite-se da tarefa de democratizar o esporte e ser um espaço para que meninas e meninos possam optar por essa modalidade. O futsal, bem como qualquer outra modalidade esportiva, poderia disseminar inclusão e transformação social, baseado no respeito, na cooperação e na educação, considerando a heterogeneidade dos sujeitos e formando cidadãos críticos que reflitam, questionem e pensem a prática e seu próprio corpo. Neste cenário, a escola também possui papel de disseminar ou não preconceitos, sendo este espaço determinante para a relação que as mulheres possam ter com a modalidade (Santana & Reis, 2003).

Apenas três atletas relataram enfrentar preconceito por parte de seus familiares em relação à carreira de jogadora de futsal, embora tenham dito que o restante da família ofereça muito apoio e suporte.

Minha família sempre adorou, sempre gostou. Meu tio, minha avó sempre apoiaram, sempre gostaram, eu era meio que a estrela da família. A única pessoa assim que não apoia é meu pai, só que ele não tem muito contato comigo, ele acha feio, não gosta que eu jogue. Só que não adianta, eu gosto de jogar bola. (P6).

Alguns relatos das participantes evidenciaram que o pai ou a mãe não apoiavam a filha por acharem que o esporte era exclusivamente para homens e que aquele, portanto, não era um espaço do qual suas filhas deveriam fazer parte. No entanto, é importante evidenciar que ao menos um membro da família demonstrou apoio. Uma característica presente na literatura, ilustrado no estudo de Silveira e Stigger (2013) com jogadoras de futsal da cidade de Porto Alegre/RS, Brasil, é o reconhecimento da figura do pai como de grande importância na escolha das jogadoras. Altmann e Reis (2013) também mostram que atletas sofreram preconceito por pessoas de sua família, embora acreditem na influência do apoio familiar como fundamentais para sua continuidade na modalidade.

2.2 Percepção sobre a participação feminina no futsal

Doze atletas relataram seu primeiro contato com a modalidade na companhia exclusiva de meninos, seja na escola, na rua ou outros espaços de lazer. Algumas ainda citam que, no início, participavam com meninos em uma prática já sistemática de treinos de futsal:

A gente treinava e eram todos meninos, então eu teria que, como eu era menina, me dedicar mais ainda (P12).

Essa vivência inicial com meninos, para algumas atletas, foi importante para que se dedicassem ainda mais e fossem capazes de provar que poderiam jogar. O depoimento acima evidencia que as próprias meninas identificam a necessidade de se afirmarem neste espaço, a partir de suas próprias competências esportivas, sendo esse processo talvez mais duro para mulheres do que para homens. Moura (2003) e Altmann e Reis (2013) constataram também que o convívio com homens foi importante e vantajoso para a aprendizagem das atletas, visto que eles são considerados por elas mais fortes e habilidosos nesse campo. Analisando esse dado, fica notório que o comportamento e o corpo do homem, nesse campo esportivo do futsal, são

modelos para as atletas. É com o jogar deles que elas comparam suas habilidades e seu bom futsal. Uma das informantes de Silveira e Stigger (2013) declara que a goleira de sua equipe se atira como um goleiro na bola. Assim, ao afirmarem que elas aprendem melhor jogando contra meninos, as próprias jogadoras se colocam em situação de inferioridade em relação à prática e potencial dos homens, mesmo que não de forma consciente, mas sim reproduzindo um cenário de desigualdade de gênero próprio deste campo esportivo

Essa vivência com meninos também contribuiu para os relatos das entrevistadas sobre preconceito, vivenciados no início da carreira, pois foi na companhia deles que iniciaram no futsal e deles provinham os comentários preconceituosos quando criança. O mesmo pôde ser encontrado em estudo de Altmann e Reis (2013), no depoimento de uma atleta quando questionada sobre sua experiência prática com meninos na infância. Ela afirma que às vezes eles a chamavam de “machinho”. Portanto, do mesmo modo que muitas crianças, apesar do preconceito que sofrem, ainda continuam envolvidas com a prática esportiva, esta forma de violência pode ser um fator motivador da desistência ainda nos primeiros contatos com o futsal.

Quanto à diferenciação entre homens e mulheres praticantes de futsal no alto rendimento, seis entrevistadas evidenciaram o patrocínio como o principal ponto de diferença e manifestação de preconceito. Para elas, falta investimento no futsal feminino, principalmente se comparado ao que o time de futsal masculino da mesma cidade recebe. Uma das atletas afirmou que, embora o futsal feminino tenha melhores resultados do que o masculino naquele município, elas não conseguem apoio e visibilidade compatíveis:

O masculino tem bem mais patrocínio, conseguem bem mais, mesmo não sendo uma equipe vitoriosa que vem conquistando bastante coisa, mas sempre há um patrocinador maior, uma expectativa maior (P10).

A falta de investidores pode estar associada, dentre outros fatores, à falta de visibilidade do futebol feminino e vice-versa (Goellner, 2005). Outra entrevistada deste estudo afirmou que devido ao preconceito sobre o futsal feminino, todos precisam se empenhar para conseguir patrocínio, desde a comissão técnica até às jogadoras, o que ela afirma não acontecer em muitas equipes. Esse empenho por parte das atletas, referido na fala da entrevistada, diz respeito, além do êxito esportivo, também à vida pessoal, como o modo de vestuário e comportamento das

jogadoras. Na perspectiva das atletas, qualquer gesto, dizer ou manifestação tida, social e historicamente, como masculina, afastaria possíveis investidores. Segundo Goellner (2005), juntamente com a ausência de patrocínio, a aproximação entre futebol e masculinização da mulher e as noções de beleza que se aproximam da feminilidade esperada pela sociedade, acabam reforçando alguns discursos direcionados à privação da participação delas em algumas modalidades esportivas.

Por vezes, o esporte feminino não é tão valorizado, pois muitos consideram envolver menos agressividade e intensidade. Por ser considerado diferente do masculino, há uma crença histórica de que as mulheres fazem esporte, mas não como os homens (Coakley, 2008).

Para as jogadoras entrevistadas por Silveira e Stigger (2013), a masculinização da mulher dentro do universo do futsal rotula o esporte e também está diretamente associada à falta de patrocínio. Para uma das informantes dos autores, há uma resistência da mídia em apoiar tanto o futebol, quanto o futsal feminino que, até então, estão associados à masculinização da mulher e à homossexualidade.

2.3 Manifestação da feminilidade

Sobre a percepção das atletas entrevistadas em relação à forma com que as mulheres em geral lidam com a presença feminina no futsal, oito afirmaram que de alguma forma há preconceito, seja por acharem que o futsal é um esporte para homens, seja por acreditar que as mulheres que o praticam também se tornam masculinizadas. As atletas relataram que algumas mulheres julgam o tipo de roupa, o corte de cabelo, o perfil estético de modo geral e a sexualidade. Uma das entrevistadas afirmou que, por todo esse preconceito que elas demonstram, o futsal feminino não consegue apoio nem mesmo entre as mulheres:

Eu acho que as mulheres, às vezes, nem entendem muito de futsal e acabam julgando sem motivo. Eu já vi muitas vezes que só porque a mulher joga futsal ou futebol é macho-fêmea, essas coisas. E não tem aquele apoio feminino, aquele incentivo. As próprias mulheres não estão do nosso lado (P10). Eu acho que elas generalizam o futebol feminino. Toda menina que joga é masculina, toda menina que joga tem que andar com “shortão”. Eu acho que elas são preconceituosas em relação a isso também. Toda menina que joga bola não pode se vestir bem, não pode andar de salto alto, não pode usar vestido. Não é assim! (P7)

Complementando tal afirmação, Moura (2003) constatou, nas palavras de uma de suas entrevistadas, a possibilidade do preconceito ser também exercido pelas mulheres, a qual afirmou que muitas olham com desconfiança e acham que são lésbicas. Tal posicionamento também foi possível verificar na fala das atletas do presente estudo.

Além de estar associada à falta de patrocínio, a percepção do futsal como um esporte de reserva masculina e a vinculação das meninas que jogam à masculinidade ou à homossexualidade, delimitam os campos do futsal e do futebol como sendo locais inadequados a mulheres. Assim, procura-se manter as relações de gênero como elas se apresentam na sociedade historicamente, bem como fortalecer a privação da participação das mulheres nestas atividades (Altmann & Reis, 2013).

O preconceito baseado na orientação sexual das jogadoras dá-se pelo fato de que as mulheres praticantes do futsal podem apresentar traços corporais e gestos próximos das características construídas social e historicamente como masculinas, o que faz com que a modalidade seja vista pejorativamente como um universo de mulheres homossexuais (Silveira & Stigger, 2013). Tal fato pode ser visto na fala de P10 quando diz que as pessoas veem uma mulher que joga futsal como ‘macho-fêmea’. Este fato pode ser justificado por estar agregado ao discurso da masculinização da mulher, a associação entre a aparência corporal e a identidade sexual, ou melhor, a suspeição de que a mulher que habita esse corpo tido como viril vivencia seus desejos, seus amores e seus prazeres a partir de um referente que não aquele considerado como normal sob uma perspectiva binária, como seja o da heterossexualidade (Goellner, 2005).

Quanto às formas de manifestação da feminilidade no futsal, de forma conservadora, ligada à reprodução de tal ordem social, doze jogadoras relataram a estética como algo que as atletas deveriam ter em atenção. Cuidados como arrumar o cabelo, fazer as unhas, cuidar da pele, usar perfumes e maquiagens. Cinco entrevistadas também destacaram que as roupas fora do ambiente do futsal auxiliam na criação de uma imagem mais feminina à equipe, além dos uniformes de jogo e treino que deveriam ser mais curtos e menos largos do que os masculinos, como forma de expressar a feminilidade e atrair mais interessados ao esporte, assim como patrocinadores. Quatro entrevistadas afirmaram acreditar que a mulher deve ter a obrigação de se cuidar numa direção de comportar-se e aparentar-se de modo que destaque sua feminilidade:

A ideia que eu tenho é que como a gente joga futsal, a gente tem que se cuidar mais ainda, ser mais feminina. Ser mais feminina em todos os aspectos possíveis, porque querendo ou não, o modo como a gente se cuida e se veste também pode influenciar o patrocinador, pode ajudar a equipe a ter mais valorização, a gente tem que visar isso também. Se cuidar, pintar as unhas, fazer sobrancelha e cabelo (P12).

No futsal, as meninas gostam de sempre estar bem arrumadas, com o cabelo bem bonito, elas saem bem vestidas, se preocupam com o que as pessoas vão falar, se vão olhar. Elas se respeitam muito. Elas são vaidosas. E eu acho isso muito importante! Porque a pessoa quando vai patrocinar um time ele olha esses detalhes (P11).

Nota-se no discurso das participantes a busca por uma aparência que corresponda ao que é esperado pela sociedade como práticas femininas, que inclusive legitimem sua presença neste campo onde se espera também a virilidade dos gestos. O discurso das atletas aponta para uma posição de aceitação desse cenário e adaptação de modo a atender a tais expectativas, e a conquistarem apoio para sua prática. Duas atletas ainda ressaltam que muitas pessoas julgam a aparência delas por estarem mais próximas do que se é compreendido e construído como gênero masculino. No futsal, como em qualquer outra modalidade esportiva, algumas mulheres têm o cabelo mais curto, fato não relacionado a não se cuidar ou ser homossexual. A questão aí presente é que gênero e sexualidade tornaram-se duas coisas inextricavelmente vinculadas (Goellner, 2005).

Para essas atletas, há um estereótipo de ser jogadora de futsal muito mais relacionado à masculinização estética ou comportamental das praticantes, do que à própria orientação sexual. O mesmo foi revelado no estudo de Silveira e Stigger (2013), que mostrou que quando a maneira de ser feminina de uma mulher se aproxima dessa masculinidade, ela sofre resistência inclusive das próprias colegas de equipe. Elas afirmam que a orientação sexual não pode ser um motivo para preconceito.

Outras duas atletas destacaram também que a influência das amigas e companheiras de equipe pode influenciar no modo de se vestir e se comportar das jogadoras, direcionando-o a uma perspectiva tida como mais feminina:

Teve um ano que chegou uma menina que ela não se arrumava para o jogo. Ficava com o cabelo meio bagunçado. E a gente começou a pegar no pé dela. “Vem cá que a gente vai arrumar teu cabelo pro jogo”. A gente prendia direitinho e arrumava. Nós falamos mesmo! Ai ela começou a se arrumar. Tinha outras meninas também que só jogavam de cabelo solto, nós começamos a fazer prender o cabelo e por aí a gente vai ajudando também. Porque nós somos mulheres então quem vai assistir quer ver mulheres jogando, se arrumar faz parte (P1).

Na transcrição de P1 acima, fica evidente a tentativa de fazer com que uma colega de equipe apresente características estéticas próximas das construídas social e historicamente como femininas. Embora aceita no grupo, para as demais, ela pode não ser bem vista perante o público nos jogos ou até mesmo por um patrocinador. Nota-se, portanto, que há uma depreciação das mulheres tidas como masculinizadas, como já exposto anteriormente, uma vez que neste cenário, julga-se o quão feminina é uma mulher pela exterioridade do seu corpo (Goellner, 2005).

Assim sendo, a afirmação da feminilidade no futsal se torna algo extremamente importante para essas atletas, uma vez que elas mesmas acreditam que, para serem bem vistas, precisam e devem adotar uma feminilidade próxima das características que lhe são conferidas histórica e socialmente. Demonstrando assim, que gênero se tornou nesse campo esportivo do futsal feminino, um instrumento de hierarquização e dominação, juntamente com o desempenho (Silveira & Stigger, 2013). Além disso, na sociedade, é possível perceber certa valorização estética corporal das atletas, o que faz com que, muitas vezes, mesmo provando sua competência como esportistas, atributos físicos acabam facilitando, ou até oportunizando a conquista de patamares mais altos no esporte, incluindo fama e contratos publicitários (Coakley, 2008).

O paradoxo existente é que, embora as atletas esperem que as jogadoras de sua equipe não apresentem a feminilidade próxima da masculinidade hegemônica quanto à estética e comportamento, dentro e fora do ambiente esportivo, as demandas do jogo de futsal exigem que elas apresentem gestos viris tidos como masculinos. Assim, mesmo se os comportamentos femininos são evidentes nos vestuários e fora do jogo, durante as partidas, as jogadoras atuam dentro de padrões normalmente associados aos homens, onde não raramente elas dividem a bola

utilizando o corpo de maneira viril e até violenta (Silveira & Stigger, 2013). Desse modo, tratando-se de um país como o Brasil, onde o futebol é uma modalidade esportiva considerada integrante da identidade nacional:

... torna-se necessário pensar o quanto este ainda é, para as mulheres, um espaço não apenas a conquistar mas, sobretudo, a ressignificar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados, de forma a afirmar que esse espaço é também seu. Um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdades (Goellner, 2005, pp. 150).

3 Considerações finais

O relato das atletas de futsal entrevistadas trouxe reflexões acerca da participação feminina em uma modalidade esportiva tida como de reserva masculina. Foi possível verificar que as primeiras experiências dessas atletas com o futsal se deu na presença de homens, dado este que corrobora com os encontrados na literatura. Essa vivência com meninos pode ter contribuído para os relatos de que no início, as atletas enfrentaram preconceitos, já que a maioria das entrevistadas afirmou ter passado por isso nessa fase, principalmente no âmbito escolar, pelos próprios colegas de escola. Algumas atletas afirmaram também terem enfrentado preconceito por parte de seus familiares.

Considerando os resultados deste estudo, foi constatada a possibilidade do preconceito ser exercido por homens e mulheres. Seja por elas considerarem o futsal como um esporte masculino ou por verem as mulheres que o praticam como masculinizadas. De qualquer modo, afirmaram que em geral, o preconceito atualmente ainda parte mais dos homens.

O patrocínio destacou-se como um importante modo de diferenciação entre homens e mulheres praticantes de futsal no alto rendimento. Ao associarem o preconceito à falta de investimento, as atletas do estudo acreditam que a demonstração da feminilidade em um esporte predominantemente masculino se torna essencial e está diretamente ligada a uma imagem positiva da equipe. Para serem bem vistas, as atletas precisam adotar uma feminilidade próxima das características que lhe são conferidas histórica e socialmente, contribuindo desse modo para a reprodução dos estereótipos de gênero.

Nota-se também que, agregado ao discurso da masculinização da mulher, há uma associação entre aparência corporal e identidade sexual. Com isso, o estereótipo do que é ser jogadora de futsal está muito mais relacionado e envolvido à masculinização estética ou comportamental das praticantes do que à própria orientação sexual. Isto evidencia que nesse campo esportivo não só o desempenho se tornou um instrumento de hierarquização, mas também as manifestações de gênero.

Por fim, cabe às mulheres praticantes de modalidades tidas como de reserva masculina enfrentarem as barreiras e desafios associados a tal prática que, embora liberal do ponto de vista esportivo, é altamente conservadora frente às implicações associadas ao gênero. Além disso, é válida a busca por conquistar e afirmar a legitimação da mulher no campo esportivo do futsal como mais um ambiente de possibilidades, de sociabilidade e liberdade de expressão perante a sociedade contemporânea e aos próprios praticantes.

Cabe nessa discussão, procurar abandonar o paradigma existente de igualdade ou desigualdade entre os gêneros, que remete à associação do homem ou da mulher como inferiores ou superiores entre si. Dessa forma, que fique tangível que cada um com suas respectivas particularidades, afirmem então uma relação de alteridade e não de desigualdade.

Como objeto de estudo futuro, aponta-se que sejam realizadas pesquisas referentes ao abandono da prática do futsal por meninas, e conhecer os motivos e razões que possivelmente as levaram a isso, como a falta de apoio e dificuldades que sofreram por praticarem um esporte tido como de reserva masculina, principalmente no Brasil.

Referências

- Altmann, H. & Reis, H.H.B. (2013). Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, 211-232.
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Coakley, J. (2008). *Sports in society: issues and controversies* (10ed). Saint Louis: Times Mirror/Mosby College Publishing.
- Goellner, S.V. (2005). Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, 143-51.

- Goellner, S.V. (2007). Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, 171-196.
- Marivoet, S. (2002) *Aspectos sociológicos do desporto*. 2ed. Lisboa: Livros Horizonte.
- Moore, R., Bullough, S., Goldsmith, S. & Edmondson, L. (2014). A systematic review of futsal literature. *American Journal of Sports Science and Medicine*, 2(3), 108-116.
- Moura, E.J.L. (2003). *As relações entre lazer, futebol e gênero*. (Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Mestre em Educação Física), Campinas.
- Santana, W.C. (2008). A visão estratégico-tática de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal. Tese de doutorado. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Brasil.
- Santana, W.C. & Reis, H.H.B. (2003). Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. *Revista Brasileira de Ciência do Movimento*, Brasília, v. 11, n. 4, 45-50.
- Scott, J.W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 71-99.
- Silveira, R. & Stigger, M.P. (2013). Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 1, 179-194.
- Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de Teoria Fundamentada* (2ª ed). Porto Alegre: Artmed.

FINANCIAMENTO

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às jogadoras pelo precioso tempo despedido para as entrevistas e à direção da equipe que proporcionou o contato com as atletas.